

Professor: **Adalgisio Goncalves Soares**

EE Presidente Costa e Silva – Minas Novas/MG

Título

Festival de curtas, uma viagem às mil e uma noites de Malba Tahan

Resumo

O projeto *Festival de curtas*, desenvolvido com alunos do ensino fundamental, nas turmas de 8º e 9º anos consiste na escolha, interpretação e resolução de desafios lógico-matemáticos, presentes na obra do matemático, professor e escritor brasileiro Júlio César de Melo e Sousa, mais conhecido pelo pseudônimo de Malba Tahan, e adaptá-los na forma de roteiros cinematográficos, transformando-os em curtas-metragens. Envolveu grande pesquisa sobre a vida e obra do autor bem como de todas as etapas que envolvem a realização de um curta-metragem, desde a adaptação dos contos para roteiros cinematográficos ao estudo de figurinos, cenários, direção, iluminação, artes cênicas, locações, direção e filmagem.

O principal objetivo da realização desse projeto foi promover uma nova visão de mundo ao aluno. Um aluno oriundo de uma classe menos favorecida da sociedade, excluída de conceitos morais e sociais. Um aluno com baixa autoestima e incapaz de perceber o seu potencial. Com igualdades desigualmente distribuídas em nossa sociedade, quanto mais longe dos grandes centros, maior a exclusão social. No caso específico dos jovens protagonistas desse projeto, alunos da E. E. Presidente Costa e Silva, da cidade de Minas Novas, sendo esta localizada no Vale do Jequitinhonha, a escassez de oportunidades se aflora de maneira severa e impiedosa. Esse é o meu aluno. Um adolescente sem muitas perspectivas diante de tamanhos desafios. Sua baixa autoestima tem efeito direto sobre o seu modo de viver o presente e projetar o futuro. Tão acostumado a enfrentar desafios diários como a seca, a falta de emprego dos pais, a falta de oportunidades, quis oferecer a ele, mais um – um desafio grandioso diante das dificuldades em vencê-lo – a elaboração, desenvolvimento e realização do primeiro Festival de Curtas-Metragens não só da nossa escola, mas do município de Minas Novas.

Propositalmente, o conhecimento matemático ficou restrito ao campo dos objetivos específicos. Isso porque a maior necessidade dos alunos extrapolava o conhecimento sistemático de conteúdos de qualquer área. Necessitavam de algo maior, uma nova postura diante da vida. Conseguindo tocá-los de alguma forma, nesse sentido, estariam propícios a aprender qualquer coisa. E aprenderam. Além da resolução dos desafios, que exigiam conhecimentos pedagógicos, cada grupo preparou atividades relacionadas aos conteúdos de seu desafio para que a turma executasse. Exercícios e desafios mais simples fizeram parte dessa avaliação. Todos os alunos envolvidos apresentaram desempenho satisfatório nas resoluções de situações matemáticas relacionadas a operações com números reais, especificamente no campo do conjunto dos números racionais.

Planejamento

Segundo o IBGE, a população jovem do Brasil, de 15 a 24 anos, equivale a 18% do total de brasileiros, ou seja, cerca de 34.236.064 de indivíduos tentando encontrar o seu lugar ou se encaixar nos meios sociais. Jovens em meio a inúmeros desafios, provavelmente tendo como o maior deles a aquisição de condições para um crescimento social, intelectual e profissional.

Com igualdades desigualmente distribuídas em nossa sociedade, quanto mais longe dos grandes centros, maior a exclusão social. No caso específico dos jovens protagonistas desse projeto,

alunos da E. E. Presidente Costa e Silva, da cidade de Minas Novas, sendo esta, localizada no Vale do Jequitinhonha, a escassez de oportunidades se aflora de maneira severa e impiedosa.

Esse é o meu aluno. Um adolescente sem muitas perspectivas diante de tamanhos desafios. Sua baixa autoestima tem efeito direto sobre o seu modo de viver o presente e projetar o futuro. Eu, como professor desse jovem, me vejo numa situação involuntária e, às vezes, desconfortável diante de tamanha responsabilidade, de ser a peça fundamental, a mola mestra nesse processo de reversão desse quadro. Como um dos poucos referenciais.

Tão acostumado a enfrentar desafios diários como a seca, a falta de emprego dos pais, a falta de oportunidades, quis oferecer a ele mais um. Um desafio grandioso diante das dificuldades em vencê-lo: a elaboração, desenvolvimento e realização do primeiro Festival de Curtas-Metragens não só da nossa escola, mas do município de Minas Novas, o *Festival de Curtas-Metragens, uma viagem às mil e uma noites de Malba Tahan*.

Escolhi como tema do projeto a obra do professor, pedagogo, conferencista, matemático e escritor do modernismo brasileiro Júlio César de Melo e Sousa, mais conhecido com o pseudônimo de Malba Tahan. A razão da escolha foi o fato de a turma já estar familiarizada com o autor através do livro *O homem que calculava: aventuras de um singular calculista*, usado como base de algumas atividades desenvolvidas por mim no ano de 2015 com a mesma turma.

O desafio foi lançado e, para tanto, o aluno foi instigado a assumir o papel de protagonista de sua história, mesmo que por alguns curtos, porém, decisivos capítulos. Uma oportunidade para aflorar habilidades e desenvolver capacidades.

Sua realização exigiu o protagonismo nas ações de interpretar desafios lógico-matemáticos, encontrar sua solução, adequá-los ao formato de roteiro cinematográfico, escolher elenco, locações e figurinos, dirigir, filmar e editar, dando o seu olhar particular sobre cada situação proposta.

Mesmo apresentando dificuldades na aprendizagem de conteúdos matemáticos, meus alunos apresentam inúmeras potencialidades, sobretudo no mundo das artes: música, artes cênicas e dança. A proposta desse projeto é buscar respaldo nessas habilidades intuitivas para a análise e compreensão de conteúdos matemáticos, especificamente desafios lógico-matemáticos.

Como objetivos gerais, o projeto pretende primeiramente elevar a auto-estima do aluno, oportunizando situações de protagonismo juvenil na solução de pequenos e grandes desafios propostos pela vida, tornando-o autor de sua própria história. Também possibilitar o conhecimento de novas habilidades e desenvolvimento de outras para o auxílio na compreensão de conteúdos matemáticos.

Os objetivos específicos se resumem em:

- Desenvolver habilidade de escrita, leitura e interpretação de textos diversos;
- Conhecer a biografia e obra do escritor Malba Tahan;
- Conhecer curta-metragem: o que é? Como fazer? Quais profissionais envolvidos? Quais as etapas de um curta?
- Conhecer um roteiro cinematográfico;
- Adaptar um texto literário para um roteiro;
- Pesquisar sobre figurinos, cenários, locações, elenco, iluminação e outros termos que envolvem a sétima arte?;
- Interpretar e resolver desafios lógico matemáticos;
- Rever, estudar e consolidar conteúdos matemáticos (operações com números reais);
- Adaptar os desafios para um roteiro cinematográfico;

- Estudar sobre direção e filmagem de um curta;
- Editar vídeos;
- Liderar e organizar o trabalho em equipe.
- Desenvolver habilidades cênicas;
- Argumentar de forma clara e objetiva;
- Desenvolver habilidades de raciocínio.

Para início dos trabalhos, os alunos dos 8^{os} e 9^{os} anos do ensino fundamental, realizadores do projeto, concentraram nos estudos e pesquisas sobre o autor e sua obra e também sobre o processo de criação de um curta-metragem.

Os passos seguintes também exigiram muito estudo uma vez que estávamos trabalhando em algo totalmente desconhecido por todos. Aos poucos, palavras antes muito distantes, ocasionalmente faziam parte de nosso vocabulário, estendendo à toda comunidade escolar, pois toda a cidade foi contagiada pelo nosso projeto. Figurino, elenco, locação, cena... em cada parte da cidade e até na zona rural do município, as pessoas se deparavam com esses dizeres na gravação de uma ou outra cena. Tudo sob o olhar atento da pessoa mais importante no processo. O protagonista, meu ALUNO!

Diagnóstico

A E. E. Presidente Costa e Silva está localizada no Bairro Saudade, periferia da cidade de Minas Novas. Atende 965 alunos em 36 turmas, sendo 15 turmas dos anos finais do ensino fundamental, 11 turmas dos anos finais do ensino fundamental e 9 turmas do ensino médio. Ainda possui uma sala de recursos onde são atendidos os alunos com necessidades especiais. É uma escola razoavelmente grande, resumindo suas dependências em 17 salas de aula, uma cozinha, dois banheiros, uma secretaria e um salão que é utilizado como biblioteca e sala de professores. O prédio é velho e carece de reformas e ampliação de alguns espaços.

Sua clientela é oriunda dos bairros que a circundam. São bairros que enfrentam grandes problemas sociais, especificamente o tráfico e consumo de drogas, alcoolismo e alto índice de assaltos e furtos. Cerca de 60% dos alunos vivem nesse meio social, com famílias desestruturadas e jovens sem perspectivas. A escola é constantemente invadida, depredada e saqueada. Os poucos recursos tecnológicos adquiridos são furtados nessas ocasiões. O que é motivo de grande tristeza e sentimento de impotência é constatar que muitos desses delitos são cometidos pelos próprios alunos e com apoio de familiares. Diante da falta de segurança e dos inúmeros prejuízos sofridos, recentemente foi autorizado pela SEE/MG a instalação de cerca concertina ao redor do prédio. A obra está em fase de licitação.

A cidade de Minas Novas possui cerca de 32.000 habitantes. Localizada em uma das regiões mais pobres do país, o Vale do Jequitinhonha, não oferece muitas oportunidades de lazer, cultura e trabalho a seus moradores. A maioria dos pais de família fica boa parte do tempo ausente, pois é obrigada a buscar emprego nos grandes centros. A criança e jovem acabam por se tornar órfãos de pais vivos, tendo a escola como única distração e válvula de escape momentânea de sua triste realidade. Diante dos vários problemas enfrentados como alcoolismo dos pais, falta de emprego, de lazer, de referências, muitos alunos possuem baixa autoestima, o que os faz se sentirem incapazes de mudar a sua projeção de vida. Isso ocasiona revolta e manifestações rotineiras de agressividade contra familiares, professores, funcionários e colegas de sala.

Os alunos com os quais desenvolvi esse projeto não fogem muito do perfil supramencionado. Apresentam grandes deficiências de aprendizagem, baixa autoestima e desinteresse pelas aulas. O maior entrave no processo ensino-aprendizagem é a dificuldade em interpretar textos variados. O nosso aluno não lê, e essa realidade vem atrelada a várias justificativas que

satisfazem o sistema educacional, mostrando como sendo um problema sem solução. O aluno não lê porque não tem tempo, porque trabalha ajudando em casa, porque está ocupado com outras prioridades, porque não dispõem de livros, porque a cidade não possui biblioteca... Conhecemos o problema e também suas consequências. Não é somente nas aulas de português que a compreensão de um texto é fundamental. Outras matérias também exigem que o aluno tenha a capacidade de entender a mensagem. Na Matemática vivencio esse dilema diariamente. O aluno não consegue resolver uma situação problema ou um exercício simples por não interpretar o enunciado.

No entanto, só se aprende o que se tem vontade. E vontade é o que mais falta em alguém com tais características. O projeto busca resgatar essa vontade, coloca como prioridade elevar a autoestima desse aluno fazendo-o se sentir capaz. Capaz não só de interpretar questões matemáticas ou de qualquer disciplina, mas de realizar algo, de tomar decisões, de fazer escolhas, de assumir responsabilidades, de escrever um capítulo diferente em sua história.

A percepção das dificuldades dos alunos, especificamente das quatro turmas em que foi desenvolvido o projeto, vem de atividades realizadas desde o ano de 2015. Jogos matemáticos, peças teatrais, paródias, rodas de conversa e questionários serviram como estratégias para diagnosticar dificuldades e revelar potencialidades.

Os problemas de aprendizagem, comum à maioria dos alunos, não os impossibilita de mostrar outras habilidades. Em apresentações escolares ou em trabalhos de classe que fogem um pouco da metodologia tradicional se revelam na dança, nas artes cênicas, na música e no artesanato. Muitos possuem, ainda, excelente expressão oral.

É paradoxal ter habilidades diversas e não aprender.

Desenvolvimento

Como já é tradição em todas as turmas que trabalho, a cada novo ano letivo levo uma proposta de trabalho para os alunos, uma maneira de tornar as aulas de Matemática um pouco mais interessantes. No ano de 2014 trabalhamos com teatro, os alunos adaptaram alguns contos infantis inserindo conteúdos matemáticos nas histórias. Em 2015 trabalhamos com paródias, realizando o 1º Festival de Paródias de nossa escola, também envolvendo conteúdos matemáticos. Em 2016, trabalhando então com turmas de oitavos e nonos anos do ensino fundamental, os alunos começaram a me cobrar o projeto daquele ano. Como já havíamos trabalhado com o livro *O homem que calculava*, em algumas atividades, no ano anterior, pensei em aprofundar um pouco mais na obra de Malba Tahan, com desafios lógicos matemáticos. Tendo boa receptividade pelas turmas, comecei a propor, semanalmente, a solução de um desafio. Partiu de um a turma a ideia de adaptar os desafios em peças teatrais e apresentá-los à comunidade escolar.

Pensei que poderíamos fazer algo maior e propus então a realização do Festival de Curtas-Metragens. A princípio, a maioria dos alunos ficou um tanto assustada. Uns por não saberem do que se tratava, outros por acharem impossível diante da logística exigida. Iniciamos rodas de conversa para discutir sobre o tema. Já havíamos decidido que, independente de realizarmos os curtas ou as peças teatrais, o tema do projeto seria a obra de Malba Tahan. Procurei na internet alguns curta metragens que pudessem despertar o interesse em todos os alunos.

Assistimos em sala de aula muitos deles, destacando alguns que despertaram maior atenção como os curtas *Matemática na vida*, *Alice no país da Matemática*, a animação *O homem que calculava* e também *Escolhas da vida*. A cada semana tínhamos uma seção de cinema, acompanhada de uma roda de conversa.

Convidei uma psicóloga amiga da escola, a Dr^a Cristiane, para participar da roda de conversa do último curta apresentado, *Escolhas da vida*, e que enfatizasse no debate a capacidade que temos de fazer escolhas, de sonhar e lutar para transformar nossos sonhos em realidade. Naquele momento vi que nosso projeto seria realizado. Percebi que meu aluno começou a se sentir capaz de realizar um filme.

Proposta aceita, iniciamos os trabalhos. Como primeira etapa, estudamos sobre a vida e obra de Malba Tahan. Como nossa biblioteca é carente de um acervo literário e em nossa cidade não temos outras fontes de pesquisa, recorreremos mais uma vez à internet. Fotos, contos, e alguns poucos livros do autor serviram como base para a confecção de cartazes e painéis que foram apresentados às turmas da escola e posteriormente afixados nos murais. Estávamos apresentando nosso autor a escola.

A segunda etapa de estudos foi dedicada aos curtas-metragens. Fizemos uma grande pesquisa também sobre o tema. O que é? Como fazer? Quais os recursos necessários? Quais os profissionais envolvidos? Qual o tempo limite de duração? Quais as etapas que envolvem sua criação? Além dessas questões, procuramos aprender sobre figurinos, cenários, técnicas de interpretação, direção, roteiro, locações, ou seja, tudo que envolvia a sétima arte. Essa pesquisa foi um pouco mais complexa pois muito do que estávamos pesquisando não fazia parte de nosso cotidiano. Eram conceitos muito distantes de nossa realidade. Dedicamos dois meses de nosso projeto a esse estudo.

Até então, todos os trabalhos foram desenvolvidos coletivamente por todos os alunos e turmas. Sentindo que já tínhamos condições de avançar, propus a separação de grupos e escolha dos desafios que seriam inspiração para a realização dos curtas. A condição para escolha é que fizessem parte da obra do autor. Os alunos foram divididos em grupos de, em média, 20 participantes. Cada grupo elegeu um líder que direcionou as ações e dividiu responsabilidades. Desde o início, foi decidido conjuntamente que cada grupo poderia solicitar a colaboração de qualquer pessoa, independentemente de ser esta membro direto da comunidade escolar.

Os contos escolhidos foram: *Os trinta e cinco camelos*, *Os três homens iguais*, *Olhos pretos e olhos azuis*, *O homem que tudo achava*, *A porcelana do rei* e *A lenda dos cinco mais cinco*.

Começamos então os estudos matemáticos para solução dos desafios propostos. Não bastaria apenas encontrar a solução dos mesmos. O principal era entender essa solução e passá-la de forma clara e objetiva para o público.

A maioria dos desafios propostos envolviam, além de interpretação, conteúdos matemáticos relacionados a operações com números reais, especificamente números racionais. Os alunos sentem certa rejeição a atividades que envolvem frações. A dificuldade é aparente mesmo em situações que necessitam de cálculos simples.

O desafio que propiciou a retomada de estudos relativos às operações com números fracionários e, por isso, foi escolhido pelas turmas como sendo o primeiro a ser resolvido foi *Os trinta e cinco camelos*. O conto narra a história de um senhor que, prestes a morrer, faz um testamento deixando seus bens, os trinta e cinco camelos, para seus três filhos. A situação-problema surge na forma de distribuição dos animais proposta pelo pai. A metade dos camelos deveriam ficar para o filho mais velho, um terço para o filho do meio e um nono dos animais para o filho mais novo. Também não poderiam sacrificar nenhum animal para concluírem a divisão.

Assim como os demais, esse desafio exigiu, além de boa interpretação, um bom conhecimento sobre operações com frações. Ao estudar a forma encontrada pelo personagem do livro para a solução, o aluno se vê às voltas com adição de frações com denominadores diferentes, mínimo múltiplo comum, frações que representam o inteiro.

Aparentemente e, pela dinâmica proposta, o objetivo principal era a solução do desafio. Mas, para isso, o conhecimento matemático se fez necessário. Cada desafio foi analisado em sala onde discutimos os conteúdos matemáticos envolvidos em sua solução. Usamos essencialmente as operações com números reais: adição, subtração, multiplicação e divisão. Precisei rever alguns conteúdos de anos anteriores, principalmente operações com números racionais. Alguns grupos encontraram logo a solução, outros demoraram um pouco mais. Prepararam um tutorial para ser exibido ao final de cada filme, explicando a solução dos desafios.

A maioria dos desafios propostos envolviam, além de interpretação, conteúdos matemáticos relacionados a operações com números reais, especificamente números racionais. Os alunos sentem certa rejeição a atividades que envolvem frações. A dificuldade é aparente mesmo em situações que necessitam de cálculos simples.

O desafio que propiciou a retomada de estudos relativos às operações com números fracionários e, por isso, foi escolhido pelas turmas como sendo o primeiro a ser resolvido foi *Os trinta e cinco camelos*. O conto narra a história de um senhor que, prestes a morrer, faz um testamento deixando seus bens, os trinta e cinco camelos, para seus três filhos. A situação problema surge na forma de distribuição dos animais proposta pelo pai. A metade dos camelos deveriam ficar para o filho mais velho, um terço para o filho do meio e um nono dos animais para o filho mais novo. Também não poderiam sacrificar nenhum animal para concluírem a divisão.

Assim como os demais, esse desafio exigiu, além de boa interpretação, um bom conhecimento sobre operações com frações. Ao estudar a forma encontrada pelo personagem do livro para a solução, o aluno se vê às voltas com adição de frações com denominadores diferentes, mínimo múltiplo comum, frações que representam o inteiro.

Aparentemente e, pela dinâmica proposta, o objetivo principal era a solução do desafio. Mas, para isso, o conhecimento matemático se fez necessário. Com a solução dos desafios, era hora de colocar a mão na massa e transformá-los em imagens, sons e fantasias. Cada grupo começou a idealizar o seu curta. Para tanto, o primeiro passo foi roteirizar os contos.

Adaptações e diálogos foram inseridos para que viabilizassem a realização, com o cuidado de manter a essência do conto. Um bom exemplo foi a adaptação do conto *Os trinta e cinco camelos*. Um grupo adaptou para *Os trinta e cinco cavalos* e outro *Os trinta e cinco bois*.

A cada semana fazíamos uma roda de conversa em cada sala para acompanhamento, avaliação e adaptação das ideias. Muito do que era planejado não se concretizava, principalmente pela falta de recursos financeiros e também de equipamentos.

Comecei então a divulgar o nosso projeto nas redes sociais e pedir colaboração das pessoas. Tivemos o contato de um senhor de uma cidade vizinha que trabalhava com filmagem de casamentos. Ele viu a postagem, interessou-se e se prontificou a filmar gratuitamente todos os curtos. Infelizmente só deu para filmar algumas cenas de dois trabalhos. Todo o restante da filmagem foi com o uso de celulares.

No início o projeto ficou restrito às quatro turmas, dois 8^{os} e dois 9^{os} anos, porém, com a premissa de que poderiam envolver outras pessoas, alunos de outras turmas, inclusive do Ensino Médio, começaram a se envolver. Em pouco tempo a escola estava contagiada com o projeto.

Pessoas começaram a procurar a escola oferecendo todo tipo de ajuda. As colaborações se restringiam a materiais como figurinos e locais para possíveis locações mesmo porque tudo que se referia a metodologia e técnica era novidade pra todos. As famílias dos alunos começaram a se envolver também. Em alguns filmes temos pais como cinegrafistas, figurantes e até personagens. No curta *O homem que tudo achava*, o pai de uma aluna cedeu seu automóvel, um fusca, e serviu de motorista durante a cena.

Nosso projeto ultrapassou os limites da cidade. Como havia histórias com enredo rural, tivemos que procurar na zona rural algumas propriedades com animais já que o enredo necessitava de tais locações. Como o projeto tem um tema muito abrangente, as habilidades foram se alocando de acordo com as necessidades. Os alunos percebiam onde produziam mais e tomavam para si tal responsabilidade.

Alguns conflitos ocorreram. Algum membro do grupo não ia bem em tal atividade e não aceitava muito bem a avaliação do grupo. Houve desistência de nove alunos. Infelizmente não demonstraram o mesmo interesse dos demais e o grupo decidiu por retirá-los do projeto. Foram propostas outras atividades, mas não aceitaram.

As filmagens encerraram no final do mês de setembro. Com isso demos início a próxima etapa: edição e sonorização. Nessa etapa, novos problemas foram detectados. Cenas com posicionamento errado de câmera, imagens tremidas, cenas sem áudio. O material considerado essencial e que não poderia ser aproveitado diante da baixa qualidade teve que ser refeito. Algumas cenas foram gravadas mais de 11 vezes. Alguns alunos já editavam vídeos caseiros. Baixaram editores na internet e conseguiram finalizar os vídeos. Com os vídeos editados, começamos a preparar a grande noite de apresentação. Procuramos a Prefeitura Municipal junto à Secretaria de Cultura, onde conseguimos o palco e a sonorização para o evento.

Conseguimos o alvará com a liberação da praça da gruta, local bem próximo à escola. Para divulgarmos o evento, conseguimos patrocínio da rádio local e também de uma gráfica cujo dono é o pai de um aluno. Foram produzidos alguns panfletos que foram distribuídos à população.

Conseguimos junto ao comércio, brindes para premiar os três primeiros colocados. O 1º lugar recebeu um telefone celular, o 2º um *tablet* e o 3º uma rodada de *pizza*.

Na noite de apresentação dos filmes, os alunos organizaram uma barraquinha onde foram vendidos DVDs com os filmes produzidos por R\$5,00. A renda foi destinada a cobrir os eventuais gastos na confecção dos mesmos.

O dia 29 de outubro do ano de 2016 ficou marcado na nossa história. Primeiro, na história de meus alunos. Nada mais significativo do que ver a sua postura diante daquela realização. Segundo, na história daquelas famílias que, involuntariamente, se deixaram envolver e acreditar na nossa façanha. Terceiro, na minha história como educador. Tive a efêmera sensação de dever cumprido. Foi uma noite de glória para todos.

Os vídeos foram apresentados. Escolhemos algumas pessoas ligadas à cultura local para comporem o corpo de jurados. Para auxiliá-los, confeccionamos uma ficha de avaliação, elencando os critérios a serem observados.

O grande vencedor da noite foi o curta *Os três herdeiros* baseado no conto *Os trinta e cinco camelos*. O segundo e terceiro colocados foram, respectivamente, *O homem que tudo achava* e *Verdades e mentiras*, sendo esse último baseado no conto *Olhos pretos, olhos azuis*.

Durante a exibição dos filmes, foi distribuído um folheto à população para avaliação do evento. A avaliação consistia em três carinhas, cada uma, demonstrando o nível de aprovação: ótimo, bom e regular, com um pequeno espaço para observações e sugestões. Nosso evento teve aprovação de 96% dos presentes.

Avaliação

Aprendizagem

Avaliar é um processo complexo, sobretudo quando se trata de um projeto tão abrangente como foi o nosso Festival de curtas metragens. Para orientar-nos durante a execução dos trabalhos

decidimos, ao final de cada semana, na última aula semanal de matemática, fazermos uma roda de conversa em cada turma. Essa conversa era pautada pelas questões: o que estamos fazendo? Como estamos fazendo? Quais as dificuldades enfrentadas? Precisamos alterar os planos? Quais os resultados obtidos? Assim, a cada semana tínhamos um diagnóstico do que estava acontecendo com todos os grupos. Percebíamos também onde e quando intervir. Também possibilitou a percepção de evolução dos alunos quanto à participação efetiva nas tomadas de decisão, na exposição clara de argumentos, no espírito de liderança, nas atitudes e postura assumidas.

Como o objetivo geral do projeto não apresentou ligação direta com conteúdos matemáticos, e sim com a possibilidade de evolução da personalidade e comportamento do aluno, a avaliação de consecução ou não do proposto ficou mesmo no campo da observação. Algumas questões foram levantadas para que os demais professores das turmas colaborassem. Os principais pontos observados:

- Expressão oral;
- Participação ativa em atividades propostas;
- Atitudes comportamentais e atitudinais;
- Relacionamento interpessoal.

Percebemos uma melhora significativa em todos os pontos observados. Infelizmente não atingimos 100% por cento dos alunos. Nove alunos desistiram do projeto. Uns por vontade própria, outros foram excluídos dos trabalhos uma vez que não se comprometeram efetivamente para a sua realização e, em alguns casos, colocaram em risco o sucesso da prática. A estes foram oferecidas novas formas avaliativas diretamente relacionadas aos conteúdos trabalhados no período.

Propositalmente, o conhecimento matemático ficou restrito ao campo dos objetivos específicos. Isso porque a maior necessidade dos alunos extrapolava o conhecimento sistemático de conteúdos de qualquer área. Necessitavam de algo maior, uma nova postura diante da vida. Conseguindo tocá-los de alguma forma, nesse sentido, estariam propícios a aprender qualquer coisa. E aprenderam.

Além da resolução dos desafios, que exigiam conhecimentos pedagógicos, cada grupo preparou atividades relacionadas aos conteúdos de seu desafio para que a turma executasse. Exercícios e desafios mais simples fizeram parte dessa avaliação. Todos os alunos envolvidos apresentaram desempenho satisfatório nas resoluções de situações matemáticas relacionadas a operações com números reais, especificamente no campo do conjunto dos números racionais.

Essa prática pedagógica propiciou grandes aprendizados, não só para o aluno, mas também para mim. Primeiro por perceber a importância do papel do professor na vida do aluno. Essa importância vem atrelada a uma responsabilidade imensurável. É assustador constatar que temos o poder de interferir na vida de outra pessoa, na sua projeção de futuro, e que essa interferência pode ser tanto positiva quanto negativa. O processo educacional é impregnado de julgamentos. Nós, professores, talvez por falta de tempo e muita cobrança, usamos frases feitas que colocam o aluno como o culpado pelo fracasso do processo educacional. Fingimos não perceber que, como um processo, o ensino e a aprendizagem envolvem muitos fatores e atores, sendo o aluno apenas a ponta do *iceberg*. Aluno, professor, escola, família, todos com seu papel e respectiva responsabilidade. Não podemos mais penalizar o aluno por falhas que estão além de sua vontade e ou de seu campo de atuação. Temos uma formação deficitária e voltada para uma metodologia tradicionalista. A cada ano recebemos alunos diferentes, o mundo fica diferente a cada segundo, e essa adaptação é necessária. Não é fácil acompanhar esse desenvolvimento, se reinventar a cada dia. Porém, quando nos permitimos sair de nossa zona de

conforte, os resultados aparecem. Precisamos nos arriscar mais. A sala de aula onde o professor é o ativo, dono do saber, e os alunos assumem o papel de simples coadjuvantes receptores de mensagem ficou pequena e insignificante para a sociedade atual. Essa insignificância é traduzida no baixo desempenho escolar. Só nos é interessante aquilo que nos traz significados.

A princípio, pensei estar desafiando os alunos para além de suas capacidades e possibilidades, porém o risco foi necessário. Preparei-me para a mudança de planos, caso não percebesse o engajamento e a vontade dos alunos em embarcar na ideia proposta. Aí também aprendi que o medo é perigoso, nos paralisa, impedindo a construção do novo.

Pensar em criar um festival de curtas-metragens no interior de Minas Gerais, no coração do Vale do Jequitinhonha, é quase sonho impossível. Propor isso a uma clientela que não tinha noção do que se tratava passou a ser utópico. O medo esteve presente o tempo todo. Medo das cobranças da escola, da comunidade escolar, medo do fracasso. Descobri habilidades que não conhecia. Vi-me dentro de uma sala encenando para meu aluno. Vi-me dançando, contando piadas... tudo no intuito de envolvê-los. A princípio os objetivos estavam vinculados aos alunos. Desenvolver e encontrar novas habilidades neles. Também fui surpreendido com o encontro dessas habilidades. Consegui me aproximar do mundo restrito do adolescente e até me sentir um pouco igual a eles. Talvez aí esteja o segredo do sucesso de nossas aulas.

Vi-me a voltas com desabafos de alunos que antes mal respondiam a questionamentos. Pude conhecer um pouco de sua vida através de relatos de violência física e psicológica, uso de drogas lícitas e ilícitas, relacionamento familiar, visão de futuro, família e tantos outros. Logicamente, boa parte dos problemas não temos como resolver, são mazelas de uma sociedade excludente, mas o fato de ouvir, de se mostrar próximo e se colocar à disposição para ajudar, orientar, direcionar, já faz uma grande diferença. No decorrer do processo e, percebendo a evolução de cada participante, vi que dariam conta. Aliás, superaram as expectativas mais otimistas.

O trabalho do professor é sempre um desafio, principalmente quando nossa clientela é desprovida de condições essenciais para sua evolução social e cognitiva. Quando nos deparamos com problemas sociais, nossa interferência é limitada. No entanto, pelo menos no tempo em que temos essa relação direta com o aluno, podemos alimentar a sua essência com ânimo, vontade e muito amor. Nossa autoestima depende do meio e das relações e experiências que vivenciamos. Cabe a nós professores trabalhar diariamente essas questões, investir nas relações humanas com base no respeito, compreensão, solidariedade e amor.

Reflexão

Esse projeto pode ser replicado em qualquer escola, em todos os níveis de ensino e para todo o tipo de aluno. Depois de realizá-lo com o alunado com um perfil muito específico, com características iniciais que não colaboraram para o sucesso do projeto, tenho convicção de que sua realização poderá acontecer para qualquer público. O necessário para o desenvolvimento de um projeto similar a esse, em qualquer escola é, sem dúvida nenhuma, o desprendimento do professor. Despir-se de conceitos pré-definidos. Dispor-se ao novo. Procurar olhar o seu aluno com olhos de amor. Procurar descobrir o que ele tem a oferecer, o seu potencial, a sua habilidade. Entender que ninguém é bom em tudo como também e, principalmente, ninguém é tão ruim que não tenha nada a oferecer. Perceber que seu aluno é uma vítima do processo educacional tradicional que o enxerga como um ser fragmentado. Descer do pedestal onde nos colocamos e trabalhar lado a lado com o aluno, mostrar-se igual, agir como parceiro e não como instrutor e diretor das ações. Saber ouvir e interpretar as palavras não ditas. Ler nas entrelinhas. Isso não é fácil. Apenas a experiência e a sabedoria que a vida proporciona e o amor pelo que se propôs a fazer nos permite a chegar nesse estágio de evolução. Um professor segmentado, voltado única e exclusivamente para resultados em sua área de atuação não terá desempenho

satisfatório na realização de um projeto como esse. Exige estudo e preparo. Exige vontade em se aventurar por campos desconhecidos. Exige coragem em correr riscos. Exige despreendimento de vaidades. Exige o reconhecimento de fragilidades. Outra dificuldade é a falta de vontade do aluno, despertar seu interesse é o maior desafio. Para muitos aquilo não passa de uma bobagem. Propiciar e trabalhar essa mudança de atitude com paciência e sensatez também coloca o professor no centro das ações. Muitas dificuldades aparecerão e a vontade de desistir estará presente o tempo todo. Frustrações, desânimo, raiva são sentimentos que permearão em meio a alegrias, satisfações e realizações incríveis. Momentos únicos que só são possíveis diante de tais desafios. O aprendizado dos alunos se manifesta em inúmeras áreas do conhecimento. Muito além do conteúdo, o aluno aprende e desenvolve habilidades diversas que extrapolam os muros escolares. É propiciado a ele um desenvolvimento global e diversificado. Especificamente, em relação aos conteúdos pedagógicos, o aprendizado se faz de maneira lúdica e imperceptível aos olhos do aluno, mas incrivelmente assimilado pelo professor. É um aprendizado mútuo. Professor e aluno enfrentando desafios diários, juntos, um auxiliando o outro. Ambos descobrindo fragilidades e desenvolvendo habilidades que transformarão suas vidas.